

**Minha homenagem ao escritor Carlos Castañeda e ao seu mentor, o
feiticeiro Don Juan Matus,
com gratidão.**

**A Mirian Gomes Barcelos,
amiga querida de inúmeras vidas, dedico.**

A Luis César de Campos

Agradecimentos pelas conversas sobre literatura e cinema, e por apresentar-me tantas obras especiais e alternativas.

A Mara Bombos Quadros

Agradecimentos por todo o carinho e trabalho de diagramação do livro e pela capa.

Prefácio

A magia de Eloah

Admito ter sido, ao longo da vida, um leitor voraz. E continuo sendo-o. Desde a infância, histórias, gibis, revistas de quadrinhos, livros fascinaram-me. Intriga-me, ainda agora, constatar que não havia preferências. A leitura me levava – e ainda leva – a mundos mágicos que, no entanto, se me tornavam reais. Gibis, por exemplo. Eram leitura do fantástico, do mágico, do admirável, de uma outra realidade que, todavia, se tornou, quase toda ela, verdadeira. Com Flash Gordon, ainda nos 1940, o homem já havia chegado à Lua e passeava pelo universo.

Júlio Verne, George Orwell, Castañeda, Cortázar, Garcia Marquez, Huxley, Asimov, alguns deles que me enriqueceram o imaginário e se tornaram como que profetas de outras circunstâncias que levam o homem a mudar o mundo, tanto para pior como para melhor. Pois, em meu entender, não é o tempo que passa, mas nós é que passamos por ele. Sendo infinito, o tempo não pode ter começo nem fim. E, portanto, não pode passar, penso eu. Assim, lá vamos nós passando por ele e, com circunstâncias diferentes, transformando-o. Sem ainda discernir, acredito, se o melhoramos ou se vivemos a vocação suicida para destruí-lo.

Não sendo um aficcionado – nem especialista – da ficção científica, que se confunde em alguns casos com o chamado realismo mágico – ou fantástico ou maravilhoso – sempre me

espantei com a, para mim, quase absurda capacidade de criação e de imaginação de seus autores. Na realidade – à medida que passei pelo tempo – fui entendendo que os ficcionistas eram como que profetas, aqueles que anteviam o que poderia vir depois. E, alguns deles, com estilo literário e linguagem mágicos.

Honrado por Eloah Margoni para ler os originais deste livro, fui tomado de espanto, de susto, do fascínio inesperado. Ora, venho acompanhando os escritos, a luta, as convicções de Eloah através da imprensa e de suas atividades profissionais e pessoais. Ela, há muito, vem sendo ferida pela lucidez diante da devastação que nos esmaga. E, quase sempre, anunciando, profetizando, solitariamente. Ao receber, pois, os originais de “Zion”, não entendi, de imediato, o que Eloah pretendia. De repente, vi-me tomado, imantado – repito-me, que espantado – diante do fluir da história, do estilo, da narrativa, da criatividade, dos fundamentos filosóficos e científicos que a autora revelava em “Zion”. Eis que me vi, então, diante de um livro mágico.

A leoa Eloah mostrava-se visionária e profetisa, como que prevendo o que acontece ou está por acontecer, desvendando um mundo e criando outros, desnudando o ser humano para, também, criar outros.

Confesso não conseguir opinar, como crítico, sobre o livro de Eloah Margoni. Pois, antes de mais, não sou especialista. No entanto, com minha vivência e como homem de letras, vi-me diante de um livro de uma ficção tão real e fascinante que consegue conciliar o científico, o mágico, o maravilhoso, com o realismo objetivo e cruel. Eloah como que confirma a minha filosofice pessoal sobre a fixidez do tempo, pois ela viaja por ele. Sai, caminha, retorna, vai e volta e cria uma circunstância nova que – quem sabe?

– poderá ser o que haveremos de nos tornar. A magia de Eloah Margoni transforma-se, neste livro, em visão de profetisa.

Será lamentável se esse maravilhoso trabalho – poético e realista, com suaves nuances de lirismo diante do dramático – restringir-se apenas a leitores piracicabanos. É resultado de uma criatividade de dimensão universal. Confesso o meu fascínio após a leitura dele.

Cecílio Elias Netto

Capítulo 1

O vestido policromático à moda Sumatra, bastante ousado e feito especialmente para ser portado à noite, o qual vi na vitrine virtual do Bloomingdale's, experimentei-o depois num mega terminal eletrônico da Terceira Avenida com a Rua Rupert. Ficou-me tão bem, atraiu-me tanto a atenção que resolvi comprá-lo. Sim, adquiri-lo pretendo, mas confesso que não apreciei verificar a vestimenta apenas na rede projetada, pois não creio que os programas sejam isentos, conforme exige a lei, de “softwears” de mimetização de imagens e outros que façam automaticamente certas alterações em nossas silhuetas e até nas tonalidades das nossas peles, bem como nas formas das roupas e dos calçados, logro este que favorece mais ao comerciante do que ao consumidor. Chamem-me de desconfiada, de insegura se quiserem.

Acusem-me de descrente mas não de retrógrada, pois esta classificação seria injusta, incompatível com minhas atividades profissionais. O fato é que gosto da realidade material às vezes, do objeto ao vivo e palpável, em muitos momentos.

Irei até a Bloomingdale's para experimentar a roupa; isto é, depois de olhar para ela e tocá-la, por pelo menos quinze minutos e não menos. Estou decidida a tal. Não me poderão condenar, pois é a primeira indumentária feminina que comprarei (e usarei) em dois anos. É que desde esse tempo, venho envergando macacões largos de tecidos bem mais comuns ou aventais de laboratório, com os quais até já entrei em transportes coletivos quando vou para casa cansada o que, devo dizer, nem acontece todos os dias. Isto é, não

vou para casa todas as noites (estafada sempre fico quando o escuro adentra) mas se o faço, com frequência simplesmente esqueço-me de tirar a roupa de trabalho; poucos transeuntes, porém, nos locais públicos se incomodam com isso.

Por outro lado, o tempo está muito hostil hoje. As concentrações de dioxinas e de ozônio na atmosfera estão perigosamente altas, conforme indicam os painéis comunitários, e mesmo usando-se a costumeira máscara com filtro especial modelo 2TW, ficarmos nos deslocando nas ruas em direção aos bairros mais perigosos ou na região central não é recomendável, sem falar dos ultravioletas tão terríveis!

As lojas lá no centro são refinadas, têm sensores para mudanças bruscas na qualidade do ar e algumas acionam também seus filtros. Bem, depois a sujeira desses filtros há de ser depositada em algum outro lugar inevitavelmente, mas as mercadorias e os compradores das mesmas lojas ficam, assim, relativamente preservados e protegidos.

Sei também que serei seguida por pessoas da Agência Científica Galáctica e Interespacial que nas últimas doze ou quinze semanas nunca me abandonam. Ultimamente tornaram-se muito menos discretos na vigilância. Será um dos agentes aquele rapaz oriental que desliza de prancha eletrônica e ouve música? Ou a mulher que lava janelas com jato seco, suspensa no terceiro andar do prédio antigo com fachada de granito marrom, situado à Rua Obama, pela qual agora passo? Podem ser muitos os seguranças especiais. Não vale a pena ligar para eles, concluo.

De qualquer forma, a ocasião merecerá o vestido que, dependendo da luz parecerá vermelho ou azul, esverdeado ou cinzento brilhante. Terei um jantar especial com minha família e uns

poucos amigos. Será uma cerimônia íntima, ao mesmo tempo de comemoração e de despedida. Os outros não sabem disso, pois se trata de coisa secreta, mas eu o sei. Fomos proibidos de escrever sobre o assunto, de dar entrevistas ou de fazer declarações. Não nos impediram diretamente de comentar algum item com nossos familiares, mas nos desestimularam de fazê-lo. E quem, dentre nós, ousaria uma indiscrição assim? Um assunto de difícil compreensão, além do mais.

Principalmente, procuraram nos reter no complexo dos edifícios de trabalho, o qual conta com bastante recursos, também conforto em seus prédios modernos e aparelhados, com linhas de transportes especiais até alguns pontos da cidade. Nos últimos meses, dormi ali por muitas noites, sempre jogando tênis tridimensional e tomando longas duchas antes de me deitar.

Capítulo 2

Convidei Yohansen, um vizinho de quem gosto ternamente como amigo, um doce que é, e que se diz apaixonado por mim por causa dos meus olhos e de meu nariz, mas não sei se é verdade o que ele fala. Também chamei para o jantar Zoe, que conheço há anos, mas de quem me afastei um tanto por força do trabalho e das pesquisas. Ela se entusiasmou com ideia e perguntou-me qual será a ocasião. Eu disse a ela “apenas muitas saudades dos amigos e dos parentes”, também que comemoraria o fim de um projeto. Nenhum deles irá supor de qual projeto avançado e revolucionário estou falando, pois pensam que só existem sondas interestelares ainda. Não podem supor nossa máquina avançada agora...

Como poderia explicar a essas pessoas tão pouco voltadas aos estudos científicos, que estou prestes a participar da primeira experiência de viagem temporal? Eles podem assistir a filmes e projeções, entrar em interações e animações realistas, ver isso em programas de ficção, ouvir e ler algo sobre o assunto, mas com coisa para valer nem sonhariam! Não tenho como contar-lhes quanta excitação, tensão agradável e frisson de aventura tudo isso significa para mim. Se lhes disser que fui escolhida para esta equipe de poucas pessoas, eu, técnica brasileira especializada em mecatrônica, ficarão aturdidos. Além disso o projeto é sigiloso, certamente já esclareci tal ponto.

Dentre os cinco primeiros viajantes, os pioneiros exploradores do tempo me encontro. Que magistral! Poderemos todos desintegrar, morrer num segundo, é claro. Assim, as despedidas, no caso de cada um de nós cinco, e um vestido especialmente luxuoso, no meu caso em particular, tornam-se perfeitamente cabíveis.

Capítulo 3

Encomendei alguns pratos; ou antes, minha tia o fez a meu pedido.

Uma variedade de acepipes, de terrinas de caldos com frutas e doces, além de vinho oriental. Yohansen arrumou-se masculina e lindamente, com um ar displicente, porém. Trouxe flores, deu-me um beijo na bochecha e olhou muito pra mim durante a noite, exceto quando Zoe entabulou conversa com ele. Esta foi muito pontual por sua vez, e estava bem alegre, até ensaiou comigo uma dança. Falou sobre minha vestimenta com fascínio. Todos pareceram impressionados, especialmente uns parentes mais distantes, muito interesseiros e exploradores, que minha tia convidou. Não gosto deles e ela deveria ter respeitado minhas opiniões, afinal a recepção era minha. Mas minha tia é complacente demais, tem um senso exagerado de união familiar; idealiza em excesso a coincidência e semelhança de genes, essas malditas pontes fatídicas, cordas torcidas de DNA, apesar das diferenças de caracteres entre familiares às vezes serem bem gritantes.

Eu mesma nunca os afastei de verdade; falo dos parentes. Tolerei suas intrusões e oportunismos, fingi não saber quanto dinheiro minha tia lhes dava ou ainda lhes fornece, dinheiro esse proveniente da mais que generosa mesada que passo a ela. O fato é que ganho bem, mas mergulhada em meus sonhos um pouco incomuns, em projetos de robótica e em outros projetos de ponta, não tenho tempo para gastar, para namorar, nem para detestar direito ninguém pelo visto. Sob certos aspectos sou, então, medíocre e incompetente.

Ter sido incluída na missão arrojada e promissora foi uma surpresa para mim, mas tudo começou quando o chip por mim idealizado, colocado num robô, foi o único que funcionou numa viagem ao futuro para onde enviaram uma máquina dentro de outra naturalmente, como emissária para trazer arquivos, análises, enfim, dados e imagens. Não, seria melhor fazer vênias ao histórico real, pois tudo começou antes na verdade, quando a tecnologia para viagens temporais foi afinal descoberta, equacionada, domesticada, e isso faz parte de uma saga da qual só soube mais recentemente e muitos nem a conhecem até hoje.

Que a dupla espaço e tempo é curva, ninguém o ignora há muito, há tantas décadas e décadas, mas não se conseguia durante quase um século, qualquer tecnologia para se viajar através dela, da citada dupla, para frente e para trás no tempo. Todos aqueles que se interessam um mínimo por física quântica e afins até sabem por quê. A dificuldade de se imprimir, a uma nave ou a um dispositivo, velocidades semelhantes à da luz, a inexistência de material que suportasse tais velocidades e outros entraves apareceram, até que as pendências foram resolvidas com elétrons presos em campos magnéticos, o que os fazem girar ferozmente, mais os raios gama irradiados sobre um cilindro de wongstênio e outros fantásticos e excitantes detalhes os quais, aos afeitos a essas descobertas só causaram entusiasmo, euforia e extrema animação, mas poderemos falar disso mais adiante. A verdade gritante, angustiante e urgente é que a descoberta da possibilidade do deslocamento controlado no tempo, para os dois sentidos, para adiante e para trás, e as pesquisas a isso dirigidas surgiram como derradeira esperança, como única porta de saída para o caos no qual nossa civilização se tornou.

De um lado houve o total fracasso das viagens espaciais. O homem, concluiu-se, não foi feito para abandonar a mãe Terra, nem

há planeta possível de atingirmos que nos acolha. Seres orgânicos que somos, dependentes de ar, de água e de certas temperaturas, apesar de nossas pretensões, nunca encontramos outro lar até agora, nem o encontraremos aparentemente, pois as viagens ao espaço cessaram há duas décadas. Milhões, trilhões e quatrilhões de dólares foram gastos, a órbita terrestre encheu-se de lixo, de rejeitos, de sucata. Imagens ao vivo, fotografias e filmes foram feitos tanto dos planetas próximos como de galáxias distantes, dados gerais e pedaços de solos foram coletados, sondas voaram daqui para lá, astronautas viajaram, mas nada foi encontrado que nos oferecesse vida ou abrigo. O espaço se mostrou sempre o que já sabíamos ser, um espetáculo extraordinário de luzes, de tons, de formas e colorações, de explosões, mistérios, de escuridão profunda e silêncio gélido, de temperaturas altíssimas e buracos negros. Inóspito. Estéril. Cruel.

Muitas das naves desintegraram, outras voltaram com cosmonautas mortos, outras ainda nem saíram da esquina do sistema solar, mas nunca se achou outro planeta habitável como a Terra; até onde fomos ao menos.

E ela agora agoniza, disso também ninguém mais duvida. Mesmo as bem poucas ilhas de privilégios, como ainda o são algumas partes dos EUA, e de outros países que se impuseram agressivamente no cenário mundial nas últimas décadas, não conseguem ficar imunes e muito menos alheias aos insolúveis bolsões de miséria do mundo, às áreas enormes que se medievalizaram até a barbárie, ao severo esgotamento dos recursos naturais, às sucessivas e insolúveis crises econômicas, às grandes populações refugiadas das mudanças do clima, às novas e gravíssimas doenças degenerativas, às constantes ameaças de guerras nucleares,

e às outras guerras: bacteriológicas, químicas, de emissões eletromagnéticas. E basta!

Para o grupo de cientistas quânticos, que se juntaram ao redor deste projeto denominado “Nuova Terrae”, e mesmo para as fontes econômicas que nos mantêm, o único trunfo, a maior chance que possuímos será encontrarmos, ao longo da malha tempo, a saída para o “imbróglio” que criamos e que está prestes a nos destruir enquanto espécie. Não há mais oportunidades de reversão da extrema entropia ensejada em nosso presente. Perdemos, por nossa máxima culpa, todas as outras chances.

A forma que se concebeu de se achar uma saída para a humanidade por outro lado, pode ser até um pouco louca, arriscada, mas é lógica por um determinado prisma, e sensacional. Como diriam os muito antigos, um ovo de Colombo.

Por enquanto, apesar de minha família, de meu apaixonado, de Zoe e eu vivermos numa cidade de ar irrespirável, de água poluída, muitas vezes racionada, de trânsito terrestre e aéreo perigosos, criminalidade quase sem controle, ainda estamos no paraíso se compararmos este a muitíssimos outros locais no mundo.

Capítulo 4

Yohansen acaricia-me a mão com ternura. Andamos à beira de um lago cercado eletronicamente, pois ele existe agora para ser visto, não inalado em sua umidade, ou tocado em suas águas impuras. Não importa mais... É iluminado com luzes coloridas a laser e estamos passeando ao redor dele. Depois de amanhã partiremos eu mais meus companheiros, e se a viagem der certo como esperamos, voltaremos ao local da missão cinco minutos depois de termos saído, de modo que à hora do almoço poderei até mesmo estar com Zoe (teoricamente falando), muito embora entre o momento de nossa partida e o horário normal do lanche ou almoço, muitas coisas deveremos ter visto e trazido de volta! Quanto tempo se passará entre nossas duas vidas? Nossos corpos o sentirão e envelhecerão proporcionalmente? Penso que certamente sim. Perco o fôlego só de focalizar o assunto!

Raciocino sobre isso ininterruptamente como é natural; minhas ideias vagueiam.

Noto um casal que caminha próximo a nós; tenho absoluta certeza de que nos vigia. Ou melhor, vigia a mim. Certamente os equipamentos de áudio, vibracionais e modulares, ultra microfones e câmeras que ambos, estou segura, carregam, além das máquinas usuais nos locais públicos e dos satélites magnéticos, são tão potentes quanto moderníssimos e não tenho porque duvidar de que os agentes efetivamente fariam qualquer intervenção se nossa conversa tomasse rumos contraindicados, o que não acontecerá. A dissimulação e o silêncio são minha bandeira; se eu não voltar jamais, os que gostam de mim não terão de sofrer antecipadamente, nem lhes será feito qualquer dano posterior. Alguma história conveniente